

RESQUÍCIOS DO AMOR CORTÊS NOS SONETOS FREIRÁTICOS DE GREGÓRIO DE MATOS

TRACES OF COURTLY LOVE IN THE DEVOUT SONNETS BY GREGÓRIO DE MATOS

Francisco Henrique Oliveira Moura¹
ORCID: <https://orcid.org/000-0002-5688-7734>

Antonia de Jesus Sales²
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1369-2539>

Enviado em: 10/02/2025
Aceito em: 30/03/2025
Publicado em: 18/06/2025

Resumo: No presente artigo, abordaremos os sonetos freiráticos de Gregório de Matos, objetivando encontrar resíduos do amor cortês presentes nos referidos textos. Buscaremos embasamento na Teoria da Residualidade, sistematizada pelo professor Roberto Pontes, segundo o qual, "Na cultura e na literatura nada há de original; tudo remanesce; logo, tudo é residual" (Pontes, 2017). Sendo assim, pelo fato de que na literatura sempre temos um resquício ou resíduo de um povo ou cultura do passado que, em um determinado momento, se faz presente por meio da representação literária, tentaremos encontrar elos em comum entre os textos de Gregório de Matos e o amor cortês que influenciou a literatura e a poesia medieval em Portugal.

Palavras-chave: Residualidade. Freiráticos. Brasil.

Abstract: In this article, we will address the devout sonnets of Gregório de Matos, aiming to find traces of courtly love present in these texts. We will seek support in the Theory of Residuality systematized by Professor Roberto Pontes. "In culture and literature, nothing is original; everything remains; therefore, everything is residual" (Pontes, 2004). Thus, since

¹ Tecnólogo em Gestão Hospitalar (UNIFACS). Pós-graduando em Literatura Brasileira, Graduando em Letras Português-Inglês. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. (IFCE-Campus Umirim). E-mail: henrikmourao01@gmail.com

² Docente de Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE-Campus Acaraú). Doutora em Estudos da Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC). E-mail antonia_saless@hotmail.com

literature always contains a trace or residue of a past people or culture that, at a certain moment, is present through literary representation, we will attempt to find common links between Matos' texts (Matos, 2013) and the courtly love that influenced medieval literature and poetry in Portugal.

Keywords: Residuality. Devout. Brazil.

Introdução

No presente trabalho veremos que durante a colonização, a literatura brasileira recebeu diretamente de Portugal suas influências e modos de pensar e escrever. Uma dessas influências foi o hábito de discutir e descrever a rotina nos conventos da época, criando um imaginário em torno das freiras que se desviavam de seus votos para se entregarem aos prazeres proibidos. Tomaremos como norte a poesia satírica de Gregório de Matos, junto com o contexto social onde o amor freirático é encontrado. Com o passar dos séculos, as formas de amar e expressar afeto evoluíram para se adequar ao contexto social e cultural.

No início do século XVII, em Portugal, as relações amorosas entre homens e mulheres eram muito discretas, com pouco ou nenhum contato físico. A comunicação entre amantes, muitas vezes, ocorria por meio de cartas de amor, em um jogo de enigmas e códigos, utilizando gestos sutis como o uso de leques, piscadas de olho e outras formas de comunicação não verbal. Como afirma Pecora:

É perfeitamente reconhecível o puritanismo dos estudos literários, imbuídos sempre de alguma missão pedagógico-iluminista, cívico- nacional ou revolucionário popular, que usualmente leva a que lidem bastante mal com os gêneros baixos. Sobretudo, mostram-se incapazes de compreender que, para estes, ao menos na chave aristotélica largamente reposta pelas poéticas dos séculos XVII e XVIII ibéricos, valem critérios de mestria e de composição, engenho de invenção e refinamento de gosto e de doutrina, tão rigorosos quanto para os gêneros elevados. (Pécora, 2001, p 38)

Esses encontros erammeticulosa mente planejados e realizados em locais públicos para garantir o sucesso da troca de correspondências. O foco não estava no

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

contato físico, mas sim na expressão do sentimento e no desejo de um amor que muitas vezes não podia ser consumado. Esse tipo de amor, conhecido como amor trovadoresco, valorizava a idealização do objeto de afeto e muitas vezes resultava em um amor platônico, onde o interesse estava na virtude, castidade e serenidade da pessoa amada.

Com base no exposto anteriormente, faremos uma análise do contexto cultural e literário que rodeia o universo freirático, que motivou a escrita de textos, músicas e poesias sobre o amor proibido para a época.

Percorso Metodológico

A inspiração para a confecção deste artigo nasceu da leitura do livro *Que Seja Em Segredo*, escrito por Ana Miranda (2014). A abordagem metodológica, adotada neste artigo, fundamenta-se no método dedutivo, que emerge do processo de pesquisa bibliográfica relacionado ao tema abordado.

Juntamente com a teoria mencionada, essa pesquisa foi conduzida de forma bibliográfica, centrada, principalmente, na revisão de textos dos seguintes autores: Pontes (2017), Miranda (2014), Bakhtin (1987), Bosi (1989), Matos (2013), e Hansen (2003), dentre outros, que nos possibilitou uma melhor compreensão a respeito do ser freirático na sociedade colonial durante os anos de 1600.

A Teoria da Residualidade

Quando falamos de literatura, sabemos que a cultura tem um forte papel na escrita. Sendo assim, podemos afirmar que, na literatura, sempre teremos um resquício ou resíduo de um povo ou cultura do passado, que em um determinado momento, se faz presente por meio da representação literária. Partindo desse preceito, podemos analisar os textos, poemas e todo o imaginário que se criou em torno dos

freiráticos e das freiras por inúmeros meios como literatura, música, pinturas, entre outros. Para Pontes:

(...) Deste modo, cumpre afirmar ser o resíduo a essência mesma da cultura e da literatura, eis por que nossa compreensão se direciona para estabelecer uma teoria da cultura e da literatura, alternativa por via da qual é possível equacionar certas aparentes antinomias no domínio das manifestações culturais e artísticas. Significa dizer que no âmbito da cultura e da literatura não podemos falar em produções originais, sendo errôneo igualmente enquadrar determinada obra ou dado autor num estilo de época, numa escola ou num exclusivo movimento estético (Pontes, 2004, p. 02)

Utilizando a Teoria da Residualidade, compreendemos que o resíduo se trata de algo que é repassado tanto popularmente quanto eruditamente, seja de forma espontânea ou elaborada com essa finalidade de uma continuidade de uma tradição, costume, cultura ou visão de mundo, o que causa um impacto direto em uma cultura em formação, assim contribuindo positivamente para a formação cultural e social de um povo. Para Pontes:

Assim sendo, resíduo, para a Teoria da Residualidade, é o que resta, o que remanesce de um tempo em outro, seja do passado para o presente, seja por antecipação do futuro, de modo que a cultura consiste numa contínua transfusão de resíduos indispensáveis ao recorte próprio da identidade nacional (Pontes, 2017, p. 14)

Assim o resíduo é aquilo que resiste entre culturas, espaços físicos e geográficos, gerações, ou seja, o resíduo se adequa a um novo cenário trazendo consigo seus traços que são adaptados ou não em um novo cenário. Buscaremos uma ligação, um resíduo da literatura de cordel junto com o amor cortês, o trovadorismo dentro dos textos e do universo freirático.

A origem do cordel

Sabemos que a literatura é a arte de imitar a vida com o uso de palavras. Entretanto, durante o período medieval poucas pessoas tinham acesso à leitura e ao

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

letramento até que em Portugal e na Espanha surgiu um novo formato para o livreto que era disposto em cordas como o cordel encontrado hoje, era conhecido como “Folhas Volantes” e, mais tarde, como cordel. Os livretos eram bastante comuns e de grande influência principalmente no território que corresponde à península Ibérica. Eles eram pequenos com poucas ou apenas uma folha e se encontravam dispostos em varal. Com o passar do tempo, sua popularização foi inevitável vindo a ser comercializada em locais de grande circulação de pessoas de diferentes classes sociais.

A maioria dos textos era pensada com a finalidade de ser oralizado e ser lido uma ou poucas vezes e após ser difundido oralmente pela população que não sabia ler nem escrever, através de músicas, prosas. Os assuntos eram os mais diversos entre atos de grande bravura, adultérios e situações pitorescas do cotidiano. Segundo Bakhtin:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 1987, p. 95)

Os cordéis abordavam inúmeras estórias, sendo as mesmas comuns ou de feitos extraordinários que eram contados de geração para geração. Quando falamos sobre as mulheres dentro do cordel, devemos colocar um olhar completamente diferente do que temos nos dias de hoje, um olhar medieval onde a mulher era vista como uma propriedade do pai ou dos maridos em alguns casos dos filhos. Vendo por esse ponto, não fica difícil de imaginar que os textos patriarcais serviam para doutrinar e controlar as mulheres sempre as colocando em uma posição submissa tanto de uma forma doméstica e servil quanto religiosa. Segundo Hall:

Nos textos, os valores religiosos impõem uma unidade de comportamento que leva à construção de uma identidade feminina uniforme, sobrepondo-se a outras. Em função desse propósito, prevalecem em muitos cordeis estereótipos com os quais os leitores devem se identificar, unificando pessoas de origens distintas graças à imposição de um mesmo discurso político e moral, que cala as diferenças e marginaliza grupos (Hall, 2017, p. 26)

É válido ressaltar que o cordel tinha como um de seus propósitos retratar o cotidiano das pessoas, a religiosidade, feitos heroicos e o controle de grupos específicos. No caso aqui discutido, daremos foco à questão de como era retratada a figura da mulher dentro do cordel. Sendo assim, podemos elencar que o pouco acesso à cultura da época servia para se manter um controle sobre a mentalidade das pessoas da época e de como elas se viam no mundo.

Barroco português e brasileiro

A sociedade portuguesa se encontrava em um ambiente cheio de influências do Renascimento. Assim o cenário literário sofria uma influência direta do Renascimento. Tudo agregado a uma reforma religiosa que havia se instaurado há pouco tempo, o que impactou diretamente a “moral e os bons costumes” da época. Todas essas transformações geográficas, sociais e religiosas serviram para dar fomento a um novo movimento literário: o Barroco Português. Segundo Bosi:

O estilo barroco se enraizou com mais vigor e resistiu mais tempo nas esferas da Europa neolatina que sofreram o impacto vitorioso dos novos estados mercantis. É na estufa da nobreza e do clero espanhol, português e romano que se incuba a maneira barroco-jesuítica: trata-se de um mundo já em defensiva, organicamente preso à Contrarreforma e ao Império filipino, e em luta com as áreas liberais do Protestantismo e do racionalismo crescente na Inglaterra, na Holanda e na França (Bosi, 1989, p. 204)

A religião se torna presença marcante nesse momento histórico, pois com ela surge todo o imaginário do conflito da dualidade, o ser dual e toda a luta entre os desejos carnais de aproveitar os prazeres da vida ou se resguardar para uma salvação onde, por muitas vezes, a religião era trazida com tons de sarcasmo, descrença. Desta forma, a temática do sagrado e profano foi peça fundamental para o Barroco.

As obras barrocas eram bastante diversificadas e caminhavam entre romances, prosas, poemas e sermões religiosos os quais foram os mais difundidos e famosos

dentro do Barroco. As mesmas obras ressaltam, constantemente, com ironia e riso as regras e os dogmas da moral católica que era pregada na época, e muito bem disfarçada o riso era figura quase sempre presente. Já segundo Bakhtin:

O riso tem um profundo valor de concepção do mundo, é uma das formas capitais pelas quais se exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério; por isso a grande literatura (que coloca por outro lado problemas universais) deve admiti-lo da mesma forma que ao sério: somente o riso; com efeito, pode ter acesso a certos aspectos extremamente importantes do mundo (Bakhtin, 1987, p. 57)

O riso nos acompanha desde que tomamos consciência de nossa identidade como seres humanos e se manteve ao nosso lado por várias ocasiões, desse modo, dando possibilidade de se caracterizar o cômico dentro da literatura após o Renascimento. Junto com a inserção do riso dentro da literatura, surge a sátira que vem para ressaltar os maus hábitos, vícios e comportamentos da sociedade. A sátira tem suas especificações e segundo Hansen:

Funciona como uma técnica que hierarquiza metaforicamente a segurança da população, encenando seu controle no discurso e pelo discurso. Impondo normas aos corpos de linguagem, ela os interpreta como adequação ou desvio da lei positiva e natural de que se faz emissária, fundamentando a crítica, de direito, para a mesma população, a um tempo referencial e destinatário de sua intervenção. Ao propor a correção dos vícios — políticos no mau sentido referido — ela o faz nome do ideal de bem comum ausente que a enunciação racional efetua, ditando a retificação do que expõe. Sua validação é o Direito Canônico, principalmente em sua versão contra-reformista, que regula a hierarquização jurídica das práticas do Antigo Regime (Hansen, 2003, p. 550)

O Barroco brasileiro não se modificou muito em comparação com o Barroco português. Algumas características se mantiveram preservadas, assim como outras manifestações culturais que derivam de Portugal. O Brasil compartilhava similaridades com Portugal como a questão da oralidade e a tradição de repassar as histórias,

músicas e poemas de forma oral, que foi ampliada devido a influência dos povos indígenas e dos africanos que aqui foram trazidos às levas. A tradição do repasse de informações via oral ganhava força, pois uma grande parcela da população não era alfabetizada, então a oralidade veio como o único meio de repasse de informações, desse modo o Barroco foi se difundindo por todo o país devido a falta de pessoas alfabetizadas, o que posteriormente possibilitou uma mudança do texto oral para o escrito. Segundo Bakhtin:

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal (Bakhtin, 2000, p. 281)

A oralidade também influenciou no gênero cordel, pois desde o começo da colonização esse gênero se difundiu pela região nordeste principalmente na Bahia, mesmo sendo um gênero pensado para ser oral foi ganhando o caráter escrito e sendo difundido pelo nordeste.

O Barroco brasileiro teve seus grandes representantes como Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711), Bento Teixeira (1561-1618), Padre Antônio Vieira (1608-1697) e Gregório de Matos durante os anos de 1636 até sua morte em 1696, o qual nos aprofundaremos um pouco. Nascido na Bahia, mais precisamente em Salvador, cursou direito em Coimbra, retornando ao Brasil, ocupando cargo público. O mais interessante é que ele nunca chegou a publicar um livro em vida. Afamado como boca do inferno, o poeta detinha uma forma única e bastante original de escrever, mesmo nunca tendo publicado um livro em vida. Segundo Hansen:

A sátira em verso de Gregório de Matos é um jogo astucioso de disfarces, que não passa despercebido a quem conhecer as várias linhas da poética satírica do autor. Consciente da complexidade e importância desta atitude de espírito e deste modo de expressão, o poeta reflete com alguma frequência sobre o género ou sobre a pulsão e a tonalidade satíricas. Gregório de Matos constrói uma imagem e uma reputação de persona satírica: um génio satírico que, face a uma constante exigência de actuação, não pode desviar-se do imperativo de proclamar a autonomia da sua vontade e razão. Não falta quem, a propósito, por exemplo, da chegada à Bahia de “Pedralves”, lhe peça “alguma sátira honrada”, ou lhe rogue uma “sátira em louvor. (Hansen, 1989, p. 204)

Vemos que a persona de Gregório de Matos foi construída em um ar de mistério onde o autor preservou ao máximo sua identidade fazendo suas sátiras de maneira anônima.

O convento e suas normas no Brasil

Mesmo vivendo sob votos de castidade, pobreza e abdicação do mundo exterior, as freiras ainda encontravam maneiras de desfrutar de alguns prazeres. Com todo esse cenário de fuga da realidade, a freira tinha que esconder sua real intenção dos governantes ou de algum superior religioso fazer o controle e tentar ocultar os casos entre freiras e homens importantes da sociedade brasileira. Diferente de Portugal, o Brasil tinha poucos conventos, o que de certo modo acabava por facilitar o controle da ordem pelas autoridades encarregadas nos conventos.

De fato, a instalação de conventos em nosso país demorou bastante. Apenas em 1677, o primeiro convento foi construído e como havia uma escassez de pessoas, algumas vezes foram feitos pedidos de envio de meninas brancas e órfãs de Portugal para o Brasil em uma tentativa de aumentar a população e moldar as meninas ao estilo de vida cristão. Segundo Azzi:

Foi somente em maio de 1677, que o primeiro convento da América portuguesa foi fundado: o Convento de Santa Clara do Desterro na Bahia, por Clarissa oriundas

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

do Mosteiro de Évora de Portugal, que vieram dirigi-lo. O então convento era um antigo recolhimento que demorou mais de 30 anos para ser autorizado pela Coroa. Por mais de 70 anos, foi o único mosteiro reconhecido na colônia (Azzi, 1983, p. 32)

Dentro dos conventos, era exigido um comportamento por parte das freiras, pois por se tratar de um ambiente que representa a igreja católica havia todo um simbolismo de respeito, compromisso e devoção empregados ao convento. Mesmo depois de serem enclausuradas, elas não perdiam sua essência feminina. Podemos observar um desses relatos em uma das cartas do Frei Manuel de Santa Inês na qual ele ressalta a vaidade das internas dentro do convento:

Do amor à vaidade, que em muitas destas religiosas predomina, e da inobservância do seu voto de pobreza, são evidentes sinais o seu toucado nimiamente descomposto e indecente às religiosas, por lhes deixar descobertos grande parte da cabeça e todo o pescoço [...] Os seus hábitos e mantos [são] certamente repreensíveis pelas caudas, pelas fitas de cor que nos hábitos prendem, pelas aberturas destes, anteriores e posteriores, e pelas suas mangas de extraordinária largura, de que tudo não pouco se escandalizam os seculares. (Araújo, 2008, p. 56)

Nesse sentido, era prática comum as freiras receberem presentes tanto de sua família em uma tentativa de amenizar a clausura como por parte de seus admiradores que o faziam em absoluto segredo, entretanto, era proibido que as internas possuíssem itens de luxo. Esse não era o pior comportamento das internas, já que muitas sucumbiam aos pecados da carne dentro dos conventos atraindo os homens. De acordo com Hansen: “Desse Convento para que se evitassem ‘as amizades ilícitas e escandalosas’ de todas as formas que fossem possíveis, por aqui, para que “as Religiosas vivam sem inquietação alguma espiritual causada por pessoas seculares ou eclesiásticas” (Hansen, 1989, p. 550).

Vemos que a obra de Gregório de Matos, oferece uma visão crítica e satírica desse fenômeno. Gregório de Matos utiliza sua poesia para revelar as hipocrisias e contradições da sociedade colonial baiana, incluindo o comportamento das freiras. Sua obra, frequentemente, satiriza as relações eróticas e políticas dentro dos conventos,

destacando o contraste entre a imagem pública de pureza e as práticas privadas de materialismo e desejo. A obra de Gregório de Matos serve como uma lente crítica que nos permite investigar esses comportamentos de forma mais profunda e compreender as tensões entre a moralidade religiosa e as realidades sociais e econômicas do período colonial brasileiro.

Nesse sentido, as freiras, que decidiam não seguir as regras da irmandade, usavam de sua beleza e sua posição religiosa para arrecadar bens materiais de seus pretendentes. Para que isso acontecesse, era necessário ser criado todo um sistema de corte. Esse sistema era composto por uma série de ritos, etapas e simbologias. Após todo esse processo, se adquire os bens materiais para seu uso ou para o convento.

Assim como isto é
verdade, que pelo vosso conselho
perdi eu o meu vermelho,
percaí vós a virgindade:
que vo-la arrebate um frade;
mas isto que praga é?
praça ao demo, que um cobé
vos plante tal mangará,
que parais um Paiaiá,
mais negro do que um Guiné
(Matos, 2013, p. 191-192)

Vamos analisar em detalhes, com base no que foi exposto durante o texto, o que consiste no amor freirático. Trata-se de um amor político, uma relação erótica onde o freirático era deixado de lado, pois não entram no convento os tipos e modos vulgares da "gente baixa", dos "sujos de sangue" e daqueles que executam ofícios mecânicos. Na sátira que circula na Bahia, o fator econômico é determinante para a exclusão de não-fidalgos e, principalmente, de não-fidalgos pobres, pois é extremamente dispendioso cortejar as freiras, como veremos no soneto a seguir.

Senhora minha: se de tais clausuras tantos doces mandais a uma formiga, que esperais vós agora, que vos diga, Se não forem muchíssimas doçuras. Eu esperei de amor outras venturas: Mas ei-lo vai, tudo o que é de amor, obriga, Ou já seja favor,

ou uma figa, Da vossa mão são tudo ambrosias puras. O vosso doce a todos diz, comei-me, de cheiroso, perfeito, e asseado, E eu por gosto lhe dar, comi e fartei-me. Em este se acabando, irá recado, E se vos parecer glutão, sofrei-me Enquanto vos não peço outro bocado. (Matos, 2013, p. 188)

Um texto da época, do português Frei Lucas de Santa Catarina, nos mostra que se o freirático tem faltas de respiração na bolsa, ou se é esfaimado de algibeira, não é fácil de admitir-se no convento. As Clarissas do Desterro são exigentes e fazem inúmeros pedidos: exigem, por exemplo, que o freirático vá visitá-las vestindo chapéu de plumas e casaca inglesa agaloada, com fitas, lenços, espadim, gola de renda, broches, cabeleiras com polvilhos etc. Tais fatos são observados nos sonetos analisados.

Na Quaresma, ele deve contribuir financeiramente para a ornamentação de capelas de anjos, vestes para as irmandades ou alimentos. Assim, o amor da freira rica segue o ritmo das convenções da discrição cortesã e o gesto estudado dissimula o desejo impiedoso por presentes sejam eles de valor ou não, assim possibilitando a análise que a freira se trata de um ser enganador, cruel e ganancioso que pouco faz lembrar a imagem angelical de uma freira. Essa forma de ver a amada era comum por, muitas vezes, após a freira perder o interesse em seu amado ela o deixava, dando motivos para lamentos e, em alguns casos, o descrédito por seus pares.

Conclusão

Concluímos que a análise dos textos freiráticos revela uma profunda intersecção de influências literárias que perpassam o trovadorismo, o barroco e a literatura de cordel, demonstrando a continuidade e a adaptação de temas e estilos ao longo dos séculos. O trovadorismo, com seu amor idealizado e platônico, deixa resquícios evidentes nos romances freiráticos, onde o amor proibido e inalcançável entre freiras e seus admiradores muitas vezes reflete a idealização e a pureza inatingível do objeto amado. A comunicação codificada e os gestos sutis característicos das relações

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 11, n. 1, 2025.

amorosas medievais ressurgem nas trocas secretas de cartas e presentes entre freiras e freiráticos, evocando um jogo de sedução que, apesar das rígidas normas eclesiásticas, revela a persistência do desejo humano.

No contexto do barroco, observamos uma dualidade constante entre o sagrado e o profano, característica marcante dessa corrente literária. A literatura freirática absorve essa tensão ao descrever as freiras como seres duais, que lutam entre a devoção religiosa e as tentações carnais. A sátira e o humor barroco encontram eco nas descrições irônicas e muitas vezes críticas das práticas conventuais, expondo a hipocrisia e os desvios dentro das instituições religiosas. As figuras de Gregório de Matos, com suas incisivas sátiras, inspiram a crítica social presente nos textos freiráticos, onde a moralidade e a religiosidade são frequentemente questionadas e subvertidas.

A literatura de cordel, por sua vez, com sua abordagem popular e acessível, contribui com uma perspectiva narrativa que aproxima o leitor do cotidiano e das práticas culturais da época. Os textos freiráticos se beneficiam da oralidade e da simplicidade expressiva do cordel para retratar histórias de amor proibido e aventuras dentro dos conventos. A figura da mulher, frequentemente retratada de maneira submissa e idealizada no cordel, ganha uma dimensão mais complexa nos romances freiráticos, onde as freiras são protagonistas de suas próprias histórias, desafiando as normas e buscando realizar seus desejos.

A residualidade, conforme sistematizada por Pontes (2017), é fundamental para entender como esses elementos literários se perpetuam e se transformam ao longo do tempo. O resíduo trovadoresco, com sua ênfase na idealização amorosa, persiste nos textos freiráticos, adaptando-se às novas realidades sociais e culturais.

Da mesma forma, a influência barroca, com sua exploração das contradições humanas e suas expressões de sarcasmo e humor, continua a moldar a literatura que aborda o universo conventual. A oralidade e a simplicidade do cordel servem como

veículos para a perpetuação dessas tradições literárias, garantindo sua acessibilidade e disseminação.

Além disso, a literatura freirática revela como as freiras, apesar de enclausuradas, exercem um certo grau de agência e poder dentro de seus contextos. Ao engajar-se em relações amorosas secretas e ao manipular seus pretendentes, as freiras não apenas desafiam as normas religiosas, mas também negociam suas posições dentro da sociedade colonial. Essa complexidade das personagens femininas nos textos freiráticos reflete a persistência de temas e preocupações literárias que transcendem o tempo e se adaptam às novas configurações sociais e culturais.

Em resumo, os romances freiráticos oferecem um rico campo de estudo para a compreensão dos resíduos literários que atravessam as épocas. A influência do trovadorismo, do barroco e do cordel é claramente visível na forma como esses textos abordam o amor proibido, a sátira social e a oralidade. A teoria da residualidade fornece uma estrutura valiosa para analisar como essas tradições literárias persistem e se transformam, adaptando-se às novas realidades culturais e sociais. Ademais, os textos freiráticos não apenas refletem as influências do passado, mas também nos proporcionam um retrato de posição do feminino em um espaço de enclausuramento.

Referências

- AZZI, R; REZENDE, Maria Valéria V. A vida religiosa no Brasil Colonial. In: AZZI, Riolando. *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- DE MATOS, G. et al. *Gregório de Matos-Volume 1: Poemas atribuídos. Códice Asensio-Cunha.* Autêntica, 2014.
- HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HANSEN, J. A. “Pedra e cal: freiráticos na sátira lusobrasileira do século XVII”, in *Revista USP*, n.º 57, março/maio, São Paulo, 2003.
- HANSEN, J. A. MOREIRA, M. *Para que todos entendais. Poesia atribuída a Gregório de Matos e Guerra-Vol. 5: Letrados, manuscrita, retórica, autoria, obra e público na Bahia dos séculos XVII e XVIII.* Autêntica, 2014.
- HALL, S. A. “Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. *Educação & Realidade*, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- MIRANDA, A. *Que seja em segredo.* [s.l.] L&PM Pocket, 2014.
- PÉCORA, A. *Máquina de gêneros.* São Paulo: Edusp, 2001.
- PEREIRA, J. C. *Dicionário ilustrado da História de Portugal,* Publicações Alfa, Lisboa: 1985.
- PONTES, R. “Em torno de um resíduo: Santa Maria Egipciaca”. *Atas do 2º Colóquio do PPRLB–Relações Luso-Brasileiras; deslocamentos e permanência*, p. 1-13, 2004.
- PONTES, R. A propósito dos conceitos fundamentais da teoria da residualidade. In: PONTES, R.; MARTINS, E. D.; CERQUEIRA, L.; NASCIMENTO, C. M. B. do. (org.). *Residualidade e Intertemporalidade.* Curitiba: Editora CRV, 2017.
- RODRIGUES, G. A. *Literatura e sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina, 1660-1740.* Impr. Nacional, 1983.